



<https://doi.org/10.51880/ho.v24i2.1164>



O clube como vocação: os sentidos da política nas fontes orais dos presidentes de futebol do Rio de Janeiro

Luiz Guilherme Burlamaqui*

ORCID iD 0000-0003-0872-2318

Instituto Federal de Brasília, Brasília, Brasil

Resumo: Estruturado com base em entrevistas de profundidade, este artigo se propõe a debater os significados da adesão dos dirigentes de futebol aos seus respectivos clubes. O texto busca discutir como os dirigentes pensam e praticam a política a partir de duas trajetórias representativas: Ângelo Chaves, presidente do Fluminense Football Club, e George Helal, presidente do Clube de Regatas do Flamengo. A literatura existente sobre o tema, entretanto, nunca se aprofundou nas trajetórias dos dirigentes esportivos e, em particular, na forma como eles ascendem no interior do quadro social dos clubes. Nos relatos, a política é representada como o sacrifício dos indivíduos em relação ao grupo. Essas narrativas contrastam com as representações cotidianas veiculadas nos meios de comunicação em torno dos dirigentes do futebol. As fontes orais ajudam a reconstituir a visão de mundo desses grupos, a maneira e a forma pela qual esses imaginam e pensam o fazer político.

Palavras-chave: Memória. História oral. Política esportiva. Presidentes de futebol. Rio de Janeiro.

The football club as a vocation: the meaning of politics in oral sources of football presidents in Rio de Janeiro

Abstract: Relying on oral sources, this article aims to discuss the political meanings of the engagement of the football presidents with their clubs. The text seeks to show how these presidents represented politics, by considering two different biographies: Ângelo Chaves, president of Fluminense Football Club, and George Helal, president of Clube de Regatas do Flamengo. The existing literature on this subject has never delved into the biographies of sports officials, and in particular the way the presidents engage in sport politics. In reports, politics is represented as a sacrifice that football presidents offers to the club.

* Doutor em História pela Universidade de São Paulo (USP), professor do Instituto Federal de Brasília (IFB), campus Recanto das Emas. E-mail: luiz_burlamaqui@hotmail.com.

The oral sources helped to reconstruct their culture, and the way these groups imagine and think politics.

Keywords: Memory. Oral History. Sport politics. Football presidents. Rio de Janeiro.

Introdução: os significados do engajamento

Em livro sobre a história do futebol inglês, o historiador Dave Russell (1997) argumentou que o debate em torno das razões do engajamento dos dirigentes de futebol em seus clubes é uma das questões abertas “à especulação” na bibliografia sobre o campo futebolístico na Inglaterra. Na sua visão, era difícil produzir um consenso sobre o porquê os dirigentes se engajavam nos seus clubes. Mesmo na sociedade civil, havia – ainda de acordo com Russell – um debate se os benefícios obtidos pelos dirigentes seriam da ordem simbólica, material ou política. Na prática, os lucros econômicos, simbólicos e afetivos mesclam-se, sendo difícil estabelecer fronteiras rígidas entre mundos que se encontram na prática.

Para o caso brasileiro, o debate era similar. Aqui, os dirigentes permaneceram como amadores, sendo vedada a remuneração aos que se engajavam nas políticas dos clubes. A retórica dos próprios presidentes é a do sacrifício ao clube. Na tipologia weberiana, é a imagem da política como vocação, não se deve viver *da* política, mas sim *para* a política (Weber, 1979). O clube se apresenta como uma vocação, ideia que aproxima a retórica dos dirigentes à dos torcedores.

Construído na década de 1980, o estereótipo do dirigente como cartola impediu a realização de pesquisas acadêmicas que investigassem em detalhes os dirigentes de futebol. Na América do Sul, poucos trabalhos acadêmicos se debruçaram sobre as trajetórias e biografias de dirigentes de futebol.¹ O contraste é evidente com o peso que esses políticos desempenham na cena pública: para citar dois exemplos recentes, Jovair Arantes, relator do *impeachment* de Dilma Rousseff, iniciou sua trajetória como presidente do Atlético Goianiense e Alexandre Kalil, atual prefeito de Belo Horizonte (MG), iniciou carreira política como presidente do Atlético Mineiro.

Não raro, a literatura viu no discurso e na retórica do amadorismo uma deturpação dos reais interesses dos dirigentes. O sociólogo Aldo Azevedo sintetiza essa visão:

[...] o discurso do amadorismo (a não remuneração), que se traduz como dedicação dos dirigentes aos clubes, pode ser interpretado como uma ideologia usada com o fim de encobrir outros interesses, correspondendo assim ao sentido atribuído

¹ Dois trabalhos, entretanto, merecem destaque: o de Deivid Ferreira (2020) sobre os dirigentes do Caxias e do Juventude e o de Matias Godio (2010) sobre os dirigentes dos clubes de La Plata.

por Marx, como inversão, deformação ou enviesamento do sentido real. (Azevedo, 1999, p. 184).

Azevedo opõe o discurso dos dirigentes à sua prática política. Nessa análise, o discurso do amadorismo seria uma espécie de consciência falsa produzida pelos próprios dirigentes, instrumentalizada para o ocultamento dos interesses de classe.

Na tentativa da produção de outro olhar, é importante deslocar a pergunta de fundo para tentar assegurar outros pontos de vista. De antemão, é preciso frisar novamente que não se trata de negar os ganhos materiais e simbólicos que os dirigentes podem conseguir ao adentrar no universo do clubismo. Aqui, a questão, no entanto, é menos o *porquê* do engajamento, mas *como* se dá o processo de ingresso dos dirigentes nos respectivos clubes. Quais os caminhos percorridos? De que forma o processo de ingresso na política é trabalhado pelos dirigentes?

Essa questão, aliás, surgiu tomando como base o modelo narrativo do recrutamento dos dirigentes, que se repetia, apesar dos contextos, com poucas variações: o candidato nunca se apresenta por livre e espontânea vontade para o cargo, mas sempre é coagido pelo grupo. Na perseguição a esse significado, o objetivo aqui é interpretar a *estrutura narrativa*, isto é, a urdidura do enredo através da qual os dirigentes experimentavam a participação nos clubes. Seguindo certos preceitos metodológicos da história oral, tenta-se compreender uma *filosofia da troca e do poder* que organizava os *atos* que os dirigentes narravam na trajetória de ascensão no clube. Segundo o historiador Alessandro Portelli:

O principal paradoxo da história oral e das memórias é, de fato, que as fontes são pessoas, não documentos e que nenhuma pessoa quer decida escrever sua própria autobiografia, quer concorde em responder a uma entrevista, aceita reduzir sua própria vida a um conjunto de fatos que possam estar à disposição a filosofia de outros [...]. Não só a filosofia vai implícita nos fatos, mas a motivação para narrar consiste em expressar os significados da experiência através dos fatos: recordar e contar já é interpretar. [...] Excluir ou exorcizar subjetividades como se fosse somente uma fastidiosa interferência na objetividade fatural dos testemunhos narrados quer dizer em última instância torcer o significado dos próprios fatos narrados. (Portelli, 1996, p. 3).

No caso apresentado, a filosofia aparecia na estrutura narrativa que se repete nas entrevistas. Durante a pesquisa, percebeu-se que, a partir desse enredo repetitivo, seria possível compreender o sentido da política nas narrativas dos presidentes de futebol. A universalidade dessas histórias reside no fato de que o ingresso no universo político é feito escorado em valores que escapam ao indivíduo. Nesses termos, a política não é vista como uma escolha pessoal que se faz para defender certos interesses ou projetos, mas como algo que é imposto do grupo ao indivíduo. O historiador Alessandro Portelli definiu essas histórias que se repetem nas entrevistas como momento de ruptura como

um *mito fundador* (Portelli, 1990, p. 130).

Para os fins deste artigo foram escolhidos dois personagens: Ângelo Chaves, presidente do Fluminense Football Club, e George Helal, presidente do Clube de Regatas do Flamengo. Para além do espaço curto e dos limites de um artigo, foram selecionadas essas trajetórias porque são representativas desse modelo de dirigentes de representar e narrar a forma como ingressam em seus clubes de futebol. Os dirigentes escolhidos têm muito pouco em comum, salvo a idade semelhante, mas os níveis de capital econômico e cultural variam muito, da mesma forma que as origens familiares. De toda a sorte, antes de entrar nas análises biográficas, será preciso discutir questões metodológicas sobre como foram conduzidas as entrevistas e a especificidade de se trabalhar com políticos de clubes de futebol.

O reconhecimento da assimetria como estratégia metodológica

No livro *They say in Harlan County: An Oral History*, o historiador Alessandro Portelli reporta duas lições metodológicas por dois entrevistados que o fizeram refletir sobre a natureza da pesquisa em história oral. Na primeira, um entrevistado pontuava que as pessoas não se importavam de conversar com o italiano porque ele não assumia uma postura propriamente paternalista ante a população local, querendo fornecer modos de vida, ressaltando o fato que ele estava lá “apenas para ouvir algumas estórias e aprender um pouquinho”. E prossegue:

Uma lição metodológica do trabalho importante: a coisa mais importante que eu tinha a oferecer era minha ignorância e o desejo de aprender. Ora, eu não estava lá para estudá-los, mas para aprender com e sobre eles. Era o que eu não sabia que encorajava as pessoas a falar, sabedores de que estavam me ajudando, e não o contrário. (Portelli, 2011, p. 7).

Estar no campo para aprender *com* eles, não *sobre* eles. Essa postura de Alessandro Portelli invertia uma relação comum na região, que colocava os trabalhadores como receptores da ação do Estado, paternalista, sem nada a oferecer de volta. O historiador estudava um grupo de mineiros do Kentucky, tratado cotidianamente pela elite letrada norte-americana como incultos e ignorantes. Sua postura, nesse sentido, foi de ir a campo querendo saber sobre aquele modo de vida desses trabalhadores, apagando os estereótipos que a elite letrada havia construído sobre eles. Portelli, entretanto, não tentou anular as diferenças de classe que existiam nas relações entre entrevistadores e entrevistados, reconhecendo as assimetrias como parte da sua estratégia metodológica:

Os manuais de trabalho de campo sempre dizem para você ganhar a confiança do

entrevistado. Mas foi a distância e a diferença que deram sentido às entrevistas. Havia ali uma diferença de idade, classe, gênero, educação, religião, raça e nacionalidade. Essas diferenças não eram, entretanto, apagadas no processo de entrevista, mas trazidas à superfície. (Portelli, 2011, p. 8).

A consciência da assimetria foi passo importante para a elaboração das entrevistas e dos roteiros. No entanto, o que fazer quando a pesquisa é com grupos dirigentes, pertencentes à elite econômica, cultural e política? Na sua tese sobre os dirigentes de futebol da cidade de La Plata, Matias Godio (2010) diz ter adotado uma estratégia completamente diferente no seu procedimento metodológico. Nas entrevistas, ele lançava mão de um aporte gigantesco de geringonças como câmeras, luzes, etc. para tentar se igualar aos dirigentes de futebol, que se sentiam envaidecidos e prestigiados.

Ao contrário, na pesquisa aqui apresentada, a percepção evidente de que havia uma diferença de classe e idade entre entrevistador e entrevistados era o que dava fluidez às conversas. A posição do pesquisador era quase sempre a de se colocar no lugar de aprendiz, fazendo o mínimo de indagações possíveis. Não raro os entrevistados estranhavam. Presidente do Fluminense, Ângelo Chaves disse depois de quase cinco horas de entrevista: “Isso não foi uma entrevista, né? Foi mais uma conversa” (Ângelo Chaves, 2011). Quando da primeira entrevista com George Helal, a assimetria, sobretudo de idade, era evidente e assumida pelas duas partes. Muitas vezes os dirigentes contavam as histórias como se narrassem para um filho ou um neto, dando ensinamentos preciosos ao jovem que parecia querer aprender. Nas vezes em que o entrevistador tentou falar de igual para igual, apagando as diferenças sociais, não obteve o mesmo êxito, parecendo arrogante.

O primeiro passo metodológico foi o reconhecimento de que se sabia muito pouco sobre os dirigentes, tornando *estranho* algo que parecia evidente. Era preciso, para usar uma imagem chavão na antropologia urbana, estranhar o familiar, tornando-o exótico (Velho, 1981). Essa ignorância deliberada produzia um efeito de estranhamento por parte dos entrevistados. Os dirigentes de futebol estão muito acostumados com o contato midiático e com a concessão de entrevistas de tempo curto sobre assuntos do momento: venda de jogadores, situação do clube, balanço da gestão, entre outros. Por outro lado, os depoimentos de maior profundidade e longa duração, nos quais podiam contar sobre sua infância, o início no clube, a ascensão como dirigente esportivo, não faziam parte do cotidiano de entrevistas que concediam.

No total, foram doze entrevistas feitas, de tamanhos variados, que foram de quinze minutos até quatro, cinco horas. Dessas doze, duas foram selecionadas para análise e produção desse artigo. A primeira, com Ângelo Chaves, realizada na sua casa em Nova Friburgo (RJ), e a segunda, com George Helal, produzida em sua residência no Novo Leblon, Barra da Tijuca (RJ). Do conjunto de entrevistas, Ângelo Chaves e George Helal foram escolhidos por razões muito amplas. Primeiro, ambos foram muito receptivos durante a entrevista. Os dois dirigentes me receberam em suas casas

e me concederam longas entrevistas, de quase 3 horas, feitas com gravador simples. A boa relação construída entre pesquisador e entrevistados foi importante para que tivesse interesse em construir este documento. Segundo, porque ambos podem ser considerados representativos no sentido proposto pelo próprio Portelli. Dessa forma, suas trajetórias não são típicas, porque singulares, mas é precisamente por serem representativas que nos ajudam a pensar as dinâmicas mais amplas dos clubes aos quais estão vinculados. Portelli fez procedimento semelhante quando analisou Valter Peppolloni: “Há elementos coletivos e compartilhados nessa história que são suficientes para justificar que a descrevamos como documento representativo da cultura da classe trabalhadora local” (Portelli, 2010, p. 182). Substituindo classe trabalhadora por elites políticas, acredita-se ser possível pensar o mesmo para os casos de Helal e Chaves.

Dito isso, passa-se às análises das entrevistas, a começar pela de Ângelo Chaves.

“Nunca fiz política”: Ângelo Chaves, presidente do Fluminense Football Club (1991-1993)

Quando liguei, pela primeira vez, para o dirigente do Fluminense Football Club, Ângelo Chaves, presidente do clube no início dos anos noventa, manifestei o desejo de entrevistá-lo como uma forma de saber como “funciona a política do clube”, ele retrucou de bate-e-pronto, “olha, meu filho, eu nunca fiz política; quer dizer, faço hoje, naquela época não fazia” (Ângelo Chaves, 2011). Pouco tempo depois, Ângelo Chaves me receberia – com extrema gentileza, simpatia e receptividade – em sua casa na região serrana de Friburgo, mais precisamente, em seu escritório. Foi uma viagem curta – duas horas e quarenta minutos do Rio a Friburgo num ônibus relativamente confortável –, mas acredito que o meu deslocamento fez com que o ex-presidente do Fluminense se sentisse lisonjeado com a minha presença, falando mais do que em outras situações, me “obrigando” a fazer perguntas e indagações e até mostrando diversas relíquias históricas – como a bandeira recebida ao final do mandato, fotos de ex-presidentes reunidos e gravações de reuniões do Conselho do clube.

De qualquer forma, a observação inicial de que ele havia sido eleito “sem fazer política” havia me chamado a atenção. Ora, como é possível que se possa ter sido eleito sem se fazer *política*? Para responder essa pergunta era preciso compreender, afinal, o que se entendia por política como formulada pela própria terminologia do entrevistado. Enquanto me mostrava papéis de propaganda política e jornais que recebia, tive a percepção de que aquela ideia só se fazia compreensível se complementada por outra: a ideia de que o conflito é *necessariamente* prejudicial:

Eu sou contra você fazer parte da política de clube para fazer oposição. O cara que faz oposição, igual estes babacas que estão aí contra a Dilma – eu não sei se você é

contra ou a favor, mas não me interessa, eu sou a favor – os babacas que estão, tem um que... [...] como é o nome dele? [...] Alguma coisa que eu não sei. Pessoa quer, de qualquer forma, esculhambar com ela, não quer que dê certo. [...] Ele virou do contra. [...] Vamos voltar para o futebol, que é melhor. (Ângelo Chaves, 2011).

Nas disputas, a aversão ao conflito era a marca na busca permanente pelo *consenso* que apagasse as disputas internas. Salvo nos casos gravíssimos, como os embates suscitados pela gestão Rogério Fernandes² que o levaram a fazer parte de um grupo articulado para pedir o *impeachment* do dirigente, o clube deve viver em harmonia, negando a política tanto quanto for possível. “Aqui no Fluminense somos uno, todos somos Fluminense, unidade, indivisíveis” (Francisco Horta, 2009). A política, ao contrário, é o espaço do conflito, dos interesses pessoais e das vaidades, e deve por isso ser evitada nesse mundo social que se pretende regido pela ética do *fair play* (Bourdieu, 1983). Nesse sentido, a política é vista como um momento de fraqueza, que deve ser evitado (DaMatta, 1997, p. 141).

Antes de se consagrar presidente, já na década de 1990, Ângelo exerceria ainda alguns importantes cargos diretivos no clube nas gestões de Francisco Horta, Manuel Schwartz e Sílvio Vasconcelos, até chegar a ser convidado a ocupar a presidência. Apesar de ter chegado ao Rio em 1942, “ano em que o Flamengo foi campeão”, vindo de Nova Friburgo, Ângelo rapidamente teve o coração fisgado pela aristocrática equipe das Laranjeiras. Formação médica, ex-aluno do Colégio Pedro II, agremiação escolar centenária e imperial da cidade do Rio de Janeiro, Ângelo – que é irmão do conhecido jornalista João Máximo – era um “apaixonado por futebol”, chegou mesmo a “assistir a todos os jogos do ano de 1950”, na estreia do Maracanã. Depois que se formou na faculdade de medicina, Ângelo começou, por conta de um “padrinho” seu, “que era botafoguense”, a operar os jogadores do Fluminense (Ângelo Chaves, 2011),

Nas narrativas, a importância do acaso é a singularidade dos processos de ingresso e de recrutamento na vida política e social do clube. Ângelo constrói a sua memória e a sua biografia enfatizando o aleatório e a sorte no ingresso como dirigente de futebol. Senão, vejamos:

Eu estava operando jogadores do Fluminense, né? Aí um dia eu fui lá, ver um jogador lá. O Fluminense tinha uma pequena enfermaria. Hoje não tem mais. Internavam o jogador ali, e eu ia vê-los. Foi lá que me apresentaram ao Nelson Vaz Moreira. Já tinha sido criada uma vice-presidência médica. Acho até que é ela é desnecessária. Se há um médico assalariado, não há necessidade de vice-presidência médica. [...] Basta um Diretor-Médico. Aí o Nelson Vaz Moreira falou que essa vice-presidência havia sido recém-criada. Falou assim, ‘ô, por que você não propõe que ele seja Diretor?’ ‘É mesmo’. Eu falei com um amigo que havia sido aluno do

² Nome fictício.

Pedro II, muito amigo meu até hoje, que é titular. ‘Eu não sou, eu não sou sócio do Fluminense.’ Eu não cobrava nada do Fluminense. ‘Te proponho ser sócio’. Mas eu não queria ser sócio. Eu queria ser sócio proprietário. Queria comprar um título. Naquela época, os círculos eram fechados, você não tinha título para vender. O número de membros era limitado – dependia de quantos títulos tinha. [...] Fluminense precisava de dinheiro numa ocasião, já não me lembro para o quê, quando emitiram uma série de títulos. Quem pagasse o título, ficaria livre da manutenção que se fazia normalmente. Aí eu acabei ficando para sócio, logo de saída como Diretor. (Ângelo Chaves, 2011).

A filosofia do Fluminense naquela época consistia em tentar manter um número diminuto e limitado de sócios. A dificuldades de comprar o título de sócio foram facilitadas pelas relações sociais de Ângelo construídas no período. Para a aquisição de um título era insuficiente ter capital econômico; aliás, esse parece ser o menor dos problemas, porque, em seguida, quando lhe pergunto se o título era “caro”, ele diz não se lembrar, dizendo ter pagado à prestação. Ângelo enfatiza a presença de uma “comissão de sindicância” que fazia uma visita à sua casa, observava os filhos, a mulher, analisava a sua situação social, enfim, “queria saber se você era médico, advogado ou alguma coisa assim”, e o fato de que “ninguém passava o título de sócio proprietário” (Ângelo Chaves, 2011). Depois de passar pela “comissão de sindicância”, Ângelo pôde adquirir tal título e construir uma “carreira” no Fluminense, tendo se tornado, além dos cargos diretivos já mencionados, benemérito do clube em 1979 e grande benemérito em 1994. Conquanto tivesse prestígio adquirido por conta da profissão de medicina, Ângelo era um migrante de uma cidade pequena para média, filho de pais não muito abastados, a engatinhar na vida na cidade do Rio de Janeiro; daí a importância dos “padrinhos”, tanto que deixou de operar os jogadores do Fluminense, e do “seu amigo do colégio Pedro II”, cruzando, em dois tempos, os laços profissionais e os estudantis.

Natural de Friburgo, o percurso de Ângelo é trivial, representativo do que é uma carreira à frente de um clube de futebol. A descrição da maneira como foi requisitado para disputar a presidência também é ilustrativa desse modelo representativo:

Depois, no ano seguinte, Fábio Egypto resolveu não participar da diretoria. Mas quando veio depois do Fábio Egypto, aí eu estava em casa, já estava aposentado, já tinha fechado o consultório e só trabalhava no hospital. Aí, me chamaram um dia pra almoçar. Veio um grupo, né? Eu nem estava sabendo que era um grupo, pensei que fosse só o Sílvio Vasconcelos. Eles pediram pra mim ‘ó, negócio é o seguinte, nós queremos que você seja o candidato para presidência, no Fluminense’. Aí eu falei ‘pô, mas numa altura dessa, né?’ Era outubro isso. O outro candidato era Gil Carneiro de Mendonça, de uma família tradicional e tudo, dessas tradicionais. Ele já era grande benemérito. Eu era só benemérito. E um grande atleta do clube, várias vezes premiado, e eu falei assim: ‘Mas o Gil está lançando desde janeiro. Vão lançar em outubro agora?’. ‘Não, mas você vai, se você não aceitar, a gente precisa de

ajuda'. Acabei sendo eleito. Ganhei por um voto a eleição. (Ângelo Chaves, 2011).

Nesse trecho, chama atenção um elemento que foi encontrado em outras narrativas da pesquisa: a vitória na eleição é quase sempre improvável ou utópica. Como Ângelo Chaves, lançado em finais de outubro, podia derrotar um Carneiro de Mendonça, candidato desde janeiro e membro de uma família tradicional do clube? Parece, enfim, uma batalha de antemão perdida, que é travada tão somente pelos interesses do grupo, e não pela vaidade individual. Os elementos do acaso e do aleatório são enfatizados: “pensei que fosse só o Sílvio”, “nem estava sabendo”, “já estava aposentado”, o currículo do adversário, justamente para reforçar a ideia de improbabilidade do êxito, de sacrifício que se faz pela vontade alheia. A aspiração à presidência nunca chega a ser representada como um desejo individual. Mesmo quando Ângelo Chaves é objeto de uma investida do grupo rival, a quem chama de “tradicional”, a eleição não é descrita como um projeto de sua autoria – “isso aí não é meu” – mas do grupo que o convocou a desempenhar o papel de seu representante:

Esse grupo já era um pessoal mais moderno, não era aquele pessoal tradicional. Apesar de que o pessoal mais tradicional, que gostava muito de mim, até tentou me convencer pra não ser candidato. ‘Não, deixa o Gil agora e na próxima eleição você se candidata’. Não havia reeleição. A eleição não é minha, isso aí não sou eu. Não sou eu pra discutir isso aí. O pessoal me convidou e eu aceitei. (Ângelo Chaves, 2011).

O exercício do cargo e/ou da função é visto como externo à sua vontade e algo que se faz à sua revelia, uma obrigação que assume diante do grupo e do clube (“isso não é meu, isso não sou eu”). Nessa simbologia, as causas para a recusa, num primeiro momento, em aceitar as atribuições do cargo seriam inúmeras, parecem existir muitos motivos para não assumir a presidência, nenhum para assumir. A morada em Friburgo, a aposentadoria na medicina, a decisão da esposa, os elementos factuais parecem impedir que Ângelo se candidatasse à presidência do clube:

Foi até um troço engraçado que na hora que eles falaram comigo acontece: ‘Eu não quero porque a minha mulher não vai querer’. Eles pegaram o telefone e ligaram para minha mulher: ‘Escuta, nós queremos que o Ângelo seja o candidato à presidência do Fluminense, o que é que você acha?’. Ela falou: ‘Ele é quem sabe’. [interrupção]. Ela falou assim: ‘Ele é quem sabe’ [risos]. Pessoal virou para mim e disse ‘ela disse que é você quem sabe’. Que eu poderia fazer? [muitos risos]. Mas eu achava que eu ia perder a eleição. Sujeito de uma família tradicional, com o conselho praticamente na mão deles. (Ângelo Chaves, 2011).

Repare-se que não é o próprio Ângelo quem procura a mulher, é o grupo que lhe deixa praticamente sem saída que não a de concorrer. Não há escolha se não aceitar a

“obrigação” que é imposta pela coletividade ao indivíduo. A política, fundada na disputa de projetos e no embate de interesses pessoais, se afigura e se apresenta poluidora das relações de amizade construídas no interior do clube. O consenso é, portanto, sempre preferível ao conflito, e a política deve ser vista como o reflexo da vontade do grupo, e não o embate de projetos individuais conflitantes. Essa narrativa é muito semelhante à encontrada na entrevista de George Helal, presidente do Flamengo na década anterior. Passa-se, agora, a ela.

O mecenas rubro-negro: George Helal, presidente do Clube de Regatas do Flamengo (1983-1986)

A trajetória de um dirigente rubro-negro indica a presença de valores convergentes ao discurso de Ângelo Chaves. Na década de 1970, a popularidade de George Helal no Clube de Regatas do Flamengo fez com que ele fosse, tanto entre cartolas quanto entre torcedores, cotejado para se candidatar à presidência, o que negou até 1983. Fato é que a figura de Helal já havia se tornado bastante popular entre os torcedores rubro-negros, que enviavam um sem número de cartas “agradecendo” pelas contribuições ao clube e “pedindo” que, enfim, um flamenguista de verdade fosse candidato à presidência. É possível encontrar diversas cartas do tipo na seção de cartas do *Jornal dos Sports* entre 1975 e 1980 (Rocha, 2012). Tamanho era o prestígio do dirigente que um conjunto de torcedores chegou mesmo a criar um torneio de futebol amador, nomeado “Torneio George Helal”, em homenagem ao comerciante. Helal havia se tornado uma figura de relevo na política do clube, muito antes de se tornar presidente. Como isso foi possível?

George Helal havia apadrinhado a Torcida Jovem, fundada em 1968, e havia financiado do próprio bolso a preparação física de Zico, o Arthur Antunes Coimbra. Em que pese que o fato não tenha sido divulgado oficialmente até a publicação da biografia de Zico, em 1993, a relação de amizade entre os dois era fato público. Na década de 1980, George Helal era um dos empresários mais bem-sucedidos do Brasil, dono, em associação com seus irmãos, das Lojas Helal, uma das maiores do setor de varejo do Rio de Janeiro. No entanto, o empreendimento perdeu força durante a década de 1990. “Antigamente eu tinha muito prestígio. Hoje ainda tenho, mas diminuiu bastante” (George Helal, 2009).

No final da década de 1960, além do sucesso e da fama de Helal como comerciante, a adoração popular pelo futebol fez com que ele fosse convidado um significativo conjunto de vezes para se tornar dirigente. Helal era um apaixonado pelo Flamengo: ainda em Vitória (ES), sua cidade natal, ele chegou mesmo “a quebrar um rádio no dia do gol do Valido do tricampeonato” (George Helal, 2009). Na sua infância, ele e os seus companheiros de Vitória haviam fundado o “Flamenguinho”, mostrando, ainda

jovem, as características do seu espírito empreendedor de comerciante e a sua paixão pelo Flamengo, que existia “mesmo sem conhecer o Flamengo” (George Helal, 2009). Depois, no Rio de Janeiro, Helal começou a frequentar o Maracanã, tornando-se sócio do Clube de Regatas do Flamengo. Quando se mudou para um prédio no Flamengo, bairro da Zona Sul do Rio de Janeiro, os amigos começaram a insistir para que o comerciante de sucesso participasse da política do clube:

[...] Mas, enfim, nesse prédio em que eu fui morar, morava o Orlando Barros, infelizmente falecido, que viu em mim, a minha trajetória, a minha torcida e papápá, aquela história toda. E veio me visitar várias vezes para eu me tornar dirigente. E eu dizia: ‘Não, não quero saber, não entendo disso. Eu sou torcedor’. [...] E muita gente queria que eu me tornasse dirigente, o Ivã Drumond, o Radamés Lattari, *peças amigas viam em mim uma possibilidade de me tornar um dirigente*. (George Helal, 2009, grifos meus).

Como foi analisado para o caso de Ângelo Chaves, o ingresso na vida política do clube é mediado pelas relações de amizade, parentesco, vizinhança. Chama atenção também o fato de que foram os outros que *viram nele as características próprias* ao exercício da política esportiva. Uma vez ainda, é o grupo de amigos quem coloca o indivíduo sem escolha. George Helal não enxergava em si mesmo as qualidades de um dirigente; são os outros que conseguem ver nele as características fundamentais ao exercício da política esportiva. Apesar do reconhecimento público de que George Helal teria as qualidades intrínsecas à execução do cargo, ou seja, “amor, zelo, nome, projeção” (Francisco Horta, 2009), ele próprio reluta contra o grupo, insistindo:

‘Não, não quero saber, não entendo disso. Eu sou torcedor’. Eu era torcedor. Torcedor de arquibancada mesmo, sem demagogia. Eu era um Arquibaldo, como diz o nosso querido Apolíneo. Eu era Arquibaldo. Eu tinha um lugar certo na curva do Maracanã, eu me reunia com o pessoal da rua da Alfândega, do Saara aonde eu tinha loja, eu já sabia que nós íamos nos encontrar lá. (George Helal, 2009).

Helal reluta tanto quanto pode: ele não quer aceitar, se dizendo um total desconhecedor do universo futebolístico. Em 1968, porém, há um fato que transforma a trajetória de George Helal. André Gustavo Richer decide se candidatar à presidência do clube, movimentando um número significativo de rubro-negros. Richer se dirige a Helal para pedir que ele seja o seu “vice-presidente de futebol”:

André Gustavo Richer era candidato à presidência em 1968, para 1969-1970. Ele veio ao meu escritório e veio me fazer um convite e disse que se ganhasse as eleições, eu ia ser o seu vice de futebol. Eu falava: ‘André Richer, eu não sei nada de futebol, eu não posso ser’. Não é modéstia, não. Hoje em dia, eu sei ser. Mas naquela época eu só era torcedor. Eu pensava até que ele não fosse ganhar a eleição,

porque o adversário dele é uma pessoa muito bem quista, muito mais projetada, que era o Antonio Moreira Leite. Eu não tinha a vivência necessária de nenhuma participação efetiva, de dirigir uma equipe de futebol, mas naquela época eu só era torcedor [...]. ‘Você não pode estar com o Richer’. Eu respondia: ‘Ah, não, já dei minha *palavra*’. Mas ele ganhou a eleição, por várias razões, equívocos do Moreira Leite na Televisão. O Richer ganhou a eleição. E eu fui ser vice-presidente de futebol, sem entender nada, sem saber lhufas da direção. Não entendia nada mesmo. (George Helal, 2009, grifos meus).

Existem elementos que se proliferam nas histórias: reparem que é André Gustavo Richer quem se desloca para fazer o pedido. O próprio Helal permanece imóvel, em seu escritório, sem se locomover, escutando apenas o que seria um pedido do amigo. Novamente, George Helal não acreditava que Richer fosse ganhar de Moreira Leite, e mesmo contra todos os *amigos*, que estão do lado de Moreira Leite, em nome de sua *palavra*, segue firme do lado de Richer, sem traí-lo. As homologias com Ângelo Chaves são evidentes, que recusa, como o próprio Helal, as investidas do grupo rival, mantendo-se firme na sua posição. No caso, o vínculo Helal-Richer é direto, a força da palavra, é construído face a face entre os dois somente, como um laço de união entre indivíduos. No caso de Ângelo Chaves, o compromisso é com o grupo. Entre Helal e Richer, a relação é mediada pelo signo da honra, da força das palavras, do homem que, como diz Pierre Bourdieu, “é um homem e uma palavra” em que se estabelece o contrato entre as partes.³

De qualquer forma, ainda que sem desejar, Helal acaba por aceitar essa missão e ingressa no Flamengo como dirigente, passando por essa metamorfose, do “torcedor de arquibancada” ao “dirigente de futebol”. Implicitamente evocada nessas narrativas é a ideia de que não se procura ser dirigente, mas se é procurado pelo cargo, como um chamado, uma missão, um sacrifício por amor ao clube, não se tratando de uma escolha racional e consciente. Nesse processo de “tornar-se dirigente”, o padrão é quase sempre o mesmo: são os outros que lhe fazem o “chamado”. São os outros que veem as qualidades que o dirigente traz consigo, mas permanecem adormecidas, despertadas apenas pelo contrato assumido com o grupo. No limite, pode-se mesmo dizer que não se escolhe ser um dirigente de futebol, mas se é, pura e simplesmente, naturalizando as posições sociais de mando.

³ Como observou Verónica Moreira (2008), essa moralidade da honra não faz parte exclusivamente do léxico dos dirigentes, mas é extensiva, em muitas situações, à moral de muitos grupos torcedores, como ela mostrou na sua pesquisa sobre os torcedores do Independiente da Argentina que passaram a ocupar espaços simbólicos na estrutura política administrativa do clube. Assim, trata-se de uma ética eminentemente masculina em que se lê o mundo a partir de certos padrões de conduta pautados na disputa e na rivalidade pela honra.

Conclusão: da política esportiva à política

Quando comentava com os membros da minha rede (acadêmicos e não acadêmicos) sobre o tema de pesquisa, a curiosidade era generalizada: “Deve ser difícil ter acesso a eles”. No universo acadêmico *stricto sensu*, o ceticismo era de outra ordem, mais direcionado: ele pairava em torno do tipo de material que eu conseguiria recolher. Na leitura de muitos dos companheiros, os dirigentes nada iam me dizer, salientando certa crítica bastante comum quando se intenta observar uma “história oral das elites”, em que se enfatiza o vazio de significado de discursos dos setores empoderados, como uma repetição de certa visão de mundo.

Ora, no caso em tela, trabalhar com a repetição de temas que apareciam foi a própria virtude da pesquisa, que possibilitou compreender o significado da ascensão à política. As invariantes do discurso político são fundamentais para entender as estratégias utilizadas pelos agentes para construir legitimidade na cena pública. Esse padrão encontrado aqui parece estar muito além dos dirigentes de futebol, relacionando-se diretamente à maneira que se legitima a política em contexto mais amplo. No livro *Cotidiano da política*, que trata da trajetória de uma vereadora do subúrbio do Rio de Janeiro, Karina Kuschnir afirma que “a entrada na política é mais valorizada quando é motivada por fatores externos ao candidato” (Kuschnir, 2000, p. 48), dado que sua entrevistada fez a seguinte colocação: “Não me lancei candidata – me lançaram!”. Ora, no caso do futebol-espetáculo não parece ter sido diferente, e é o antropólogo Arlei Damo quem o explica:

[...] a disseminação dos esportes e, particularmente, a do futebol, não se deveu à revelia do suporte estatal [...] o trânsito intenso de dirigentes esportivos pelos interstícios do Estado – seja do aparato administrativo, legislativo, ou judiciário – fez migrar não apenas as ‘mentalidades de gestão’, com suas peculiaridades, mas também muitas representações acerca da nação. [...] parece razoável crer que uma instituição englobante como o Estado, concentrador de diferentes capitais, reproduza-se, ao menos em parte, em outras instituições sociais, com tanto mais propriedade quanto mais uso fizer delas, e este é o caso do futebol espetáculo. (Damo, 2006, p. 47-48).

Os estilos de narrar a ascensão ao poder estão conectados às formas de pensar e fazer a política existentes na sociedade brasileira. Descrevendo as duas trajetórias de presidentes de clubes, Ângelo Chaves, no Fluminense, e George Helal, no Flamengo, o modelo narrativo indicou a presença de uma visão de política semelhante. Nas duas situações, o ingresso na política não é o resultado de uma aspiração individual. No caso de Ângelo Chaves, a candidatura é inclusive alheia ao indivíduo – “isto aí não sou eu” –, como ele teria dito na resposta ao grupo tradicional. No caso de Helal, são os outros que identificam no indivíduo os valores necessários ao *ingresso* da política no Flamengo.

Longe de constituir fenômeno isolado, o estudo da ascensão dos presidentes de futebol ajuda a iluminar aspectos mais amplos da forma de fazer política na sociedade brasileira.

Referências

AZEVEDO, Aldo Antônio. *Dos velhos aos novos cartolas: uma interpretação do poder e de suas resistências nos clubes face ao impacto da das relações futebol-empresa*. Tese (Doutorado em Sociologia) – UnB, Brasília, DF, 1999.

BOURDIEU, Pierre. Como é possível ser esportivo? In: BOURDIEU, Pierre. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p. 136-153.

DAMATTA, Roberto. *A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DAMO, Arlei Sander. O ethos capitalista e o espírito das Copas: as estratégias da FIFA para tornar as Copas lucrativas. In: GUEDES, Simoni Lahud (Org.). *Nações em campo: Copa do Mundo e identidade nacional*. Niterói: Intertexto, 2006. p. 39-73.

FERREIRA, Deivid da Silva. *Os dirigentes dos clubes de futebol em Caxias do Sul: formação e memórias de uma elite regional (1968-1989)*. Dissertação (Mestrado em História) – Unisinos, São Leopoldo, RS, 2020.

GODIO, Matias. *"Somos hombres de platea": a sociedade dos dirigentes e as formas experimentais do poder e da política no futebol profissional na Argentina*. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – UFSC, Florianópolis, SC, 2010.

KUSCHNIR, Karina. *O cotidiano da política*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

MOREIRA, María Verónica. Aguante, generosidad y política en una hinchada de fútbol argentina. *Avá*, Misiones, n. 12, p. 79-94, 2008.

PORTELLI, Alessandro. A filosofia e os fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. *Tempo*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, 1996.

PORTELLI, Alessandro. *Ensaio de história oral*. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

PORTELLI, Alessandro. The best garbage man in town: life and times of Valtero Peppolloni, worker. In: PORTELLI, Alessandro. *The death of Luigi Trastulli and other stories: form and meaning in Oral History*. New York: NY Press, 1990. p. 117-131.

PORTELLI, Alessandro. *They say in Harlan County: An Oral History*. Oxford: Oxford University Press, 2011.

ROCHA, Luiz Guilherme Burlamaqui Soares Porto. *A outra razão: os presidentes de futebol entre práticas e representações*. Dissertação (Mestrado em História Social) – UFF, Niterói, RJ, 2012.

RUSSELL, Dave. *Football and the english: a social history (1867-1995)*. Preston: Carnegie Program, 1997.

VELHO, Gilberto. *Individualismo e cultura: notas para uma antropologia das sociedades contemporâneas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1981.

WEBER, Max. A política como vocação. *In: WEBER, Max. Ensaios de sociologia*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979. p. 97-154.

Fontes Orais

CHAVES, Ângelo [80 anos]. [jun. 2011]. Entrevistador: Luiz Guilherme Burlamaqui. Nova Friburgo, RJ, 27 jun. 2011.

HELAL, George [78 anos]. [maio 2009]. Entrevistador: Luiz Guilherme Burlamaqui. Rio de Janeiro, RJ, 5 maio 2009.

HORTA, Francisco [75 anos]. [jun. 2009]. Entrevistador: Luiz Guilherme Burlamaqui. Rio de Janeiro, RJ, 15 jun. 2009.

Recebido em 25/03/2021.

Aprovado em 21/07/2021.

Fonte de financiamento: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ) – Bolsa Nota 10.

Conflitos de interesse: nada a declarar.